

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**RIBEIRO, Orlando da Cunha**

(Lisboa, 16-2-1911 – Vale de Lobos, Sintra, 17-11-1997)

Filho de um droguista originário de Viseu e estabelecido em Lisboa, na Rua da Escola Politécnica (bairro de São Mamede). Tendo a mãe falecido quando tinha 5 anos, foi em parte criado pelos avós maternos, Amélia, originária de Viseu, e Augusto Carvela, da região de Chaves. Conheceu assim, na infância, tanto o ambiente dos diversos lugares provincianos em que o avô, um militar que se aposentou como major, foi sucessivamente colocado, como o ambiente de um bairro lisboeta, no qual os edifícios universitários e a Imprensa Nacional marginavam o Jardim Botânico. Nas suas *Memórias* (2003), Orlando Ribeiro contou como teve, desde pequeno, relações de convívio com vários intelectuais. Através de A. Celestino da Costa (1884-1956), pai de um colega do colégio e futuro Presidente da Junta de Educação Nacional, obteve, desde 1934, pequenas bolsas que o ajudaram a descobrir, progressivamente, as várias regiões de Portugal. Em Agosto de 1935, foi convidado a participar, como conferencista, num *Cruzeiro de Férias*, organizado para mostrar à elite intelectual do País os vastos e diversificados, mas então quase desconhecidos territórios coloniais africanos. Conheceu ali Marcelo Caetano, que o ajudará a obter o lugar de Leitor de Português em Paris, dois anos depois de se ter doutorado em Lisboa.

Muito cedo, a curiosidade intelectual tinha-o levado a completar o ensino recebido na Faculdade de Letras de Lisboa, com cursos diversos, que lhe abriram horizontes novos e a prática de várias técnicas de investigação. Citam-se, entre outras, a iniciação à língua árabe com o Professor David Lopes (1867-1943), que lhe revelou a importância do passado islâmico de Portugal, ou as lições do geólogo suíço Ernest Fleury (1878-1958), o único professor universitário em Lisboa que o levou a “trabalhar no campo” e que lhe ensinou a encher o caderno com notas e desenhos. Durante estes anos de juventude, foi essencial o convívio, quase filial, que teve com o idoso Leite de Vasconcelos (1858-1941), cuja influência moral e intelectual o acompanhará durante toda a vida. Com efeito, será apenas em 1988, que o 10º e último volume da *Etnografia Portuguesa* será publicado pela Imprensa Nacional (*Mestres, Colegas, Discípulos*, I, p. 87-374), graças aos seus persistentes esforços, e aos do colega e amigo Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997).

Depois de ter estudado no liceu Passos Manuel (1921-28), Orlando Ribeiro seguiu o curso de História e Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa (1928-32), tendo guardado lembranças desiguais do valor do ensino ali recebido. Lembrou apenas a influência benéfica, mas fugaz, de dois Mestres cedo levados pela morte: Manuel de Oliveira Ramos (1862-1931), um Professor idoso e cego, que lhe ensinou a tirar eficazes



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

notas das leituras que fazia para ele, e Silva Teles (1850-1930), um médico da Marinha, nascido em Goa, que assegurava desde 1904 o ensino da Geografia no *Curso Superior de Letras* e dava “lindas lições”. Considerou sempre o seu sucessor, Luís Schwalbach (1888-1956) de nível medíocre. Quanto ao afamado Professor de Geografia da Universidade de Coimbra, Aristides de Amorim Girão (1895-1960), a despeito das instâncias de Leite de Vasconcelos e de fugazes encontros, a relação entre as duas fortes personalidades foi sempre difícil. Será a brusca invasão da França pelas tropas *nazis*, em Maio de 1940, que obrigará Orlando Ribeiro a aceitar um lugar de Professor Extraordinário em Coimbra, que trocará, em Março de 1943, para o de Professor Catedrático em Lisboa.

Dois influências importantes tinham marcado a sua formação. A primeira foi a de Leite de Vasconcelos, de 1930 a 1936. O velho sábio ensinou-o a percorrer sistematicamente o diversificado território português e a estabelecer contactos amigáveis com o povo das aldeias, anotando sistematicamente os factos observados. Mas, logo a seguir, Orlando Ribeiro integrou a parisiense e internacional *Escola Francesa de Geografia*, chefiada por Emmanuel de Martonne (1873-1955) e Albert Demangeon (1877-1940), dos quais será discípulo de 1937 a 1940. Durante estes “anos de Paris”, conviveu com mestres e colegas de diversas formações e nacionalidades, adquirindo assim um domínio perfeito do francês, praticando razoavelmente o inglês e decifrando o alemão (*Mestres, Colegas, Discípulos*, 2016-17). Projectou então a preparação de novo doutoramento, sob a dupla direcção de De Martonne e Demangeon, que seria consagrado à Beira Baixa, esta vasta e diversificada região de transição entre o Norte e o Sul de Portugal.

Se Orlando Ribeiro tinha já percorrido todo o País, desconhecia por completo as regiões espanholas, mesmo próximas, porque a dramática Guerra Civil impediu por completo, de 1936 até 1940, qualquer visita à Espanha. Mas o triunfo de Franco ia permitir o rápido renascer dos contactos científicos ibéricos. Tendo perdido o incentivo dos mestres e colegas parisienses (salvo raros e curtos episódios, em geral clandestinos), Orlando Ribeiro ia receber logo o excelente apoio dos colegas espanhóis e perceber quão necessário era situar a personalidade de Portugal no seu contexto ibérico e, mais largamente, mediterrâneo. Uma necessidade que está bem expressa no título que escolheu para o seu primeiro e, ainda hoje, tão afamado livro: *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, publicado em Coimbra, em 1945. Com efeito, se esta obra trata essencialmente do próprio país, o seu título sugere já duas amplas sínteses futuras, longamente amadurecidas: tanto o *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1968, como *La Zone Intertropicale Humide*, escrita em parceria comigo e editada pela Armand Colin, em 1973.

Tendo a *Segunda Guerra Mundial* terminado em Setembro de 1945, o idoso Professor De Martonne, Presidente da *Associação Internacional de Geografia* desde 1938, tentou manter a muito ameaçada preponderância intelectual de uma Europa arruinada e dividida. Para isso, incitou o seu jovem discípulo português a aceitar o difícil encargo da rápida organização, em Lisboa, do primeiro *Congresso Internacional de Geografia* do pós-guerra. Orlando Ribeiro fez corajosa e eficazmente frente ao desafio e conseguiu que esta reunião internacional decorresse a contento de todos, em Abril de 1949, dando lugar a abundantes e



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

valiosas publicações (5 volumes de *Comunicações* e 6 *Livros Guias de Excursões*).

Este sucesso foi devido ao trabalho entusiasta de um pequeno grupo de jovens investigadores de diversas especialidades, em geral ainda não doutorados, reunidos no *Centro de Estudos Geográficos* da Universidade de Lisboa (CEG-UL). Tinham apenas o apoio, puramente simbólico, do famoso almirante Gago Coutinho e, no plano administrativo, a ajuda eficaz de Herculano Amorim Ferreira, um físico que acabava de criar o Serviço Meteorológico Português. Depois de cinco excursões terem percorrido e apresentado as diversas regiões do Continente, o Congresso realizou-se em Lisboa, de 8 a 15 de Abril, e foi prolongado por uma viagem à Madeira, reunindo alguns prestigiosos convidados e os jovens, cujo trabalho entusiasta tinha permitido fazer frente ao difícil desafio internacional.

Mas, depois deste episódio festivo, surgiu uma fase difícil, quando se esgotou o financiamento conseguido para o Congresso. Nos anos seguintes, será apenas possível obter esporadicamente algumas verbas, para iniciar investigações nas longínquas e mal conhecidas terras do Ultramar. Em 1947, Orlando Ribeiro percorreu e descreveu a Guiné portuguesa, usando o argumento de um próximo Congresso pan-africano e, em 1951-52, realizou o estudo monográfico da Ilha do Fogo, com o pretexto da brutal erupção vulcânica que a atingiu. Será evocando a hostil situação política internacional, que conseguirá verbas para estudar Goa em 1955 e para percorrer Angola e Moçambique a partir de 1960. Tinha, com efeito, convencido alguns políticos influentes da necessidade de um conhecimento sério de territórios ainda praticamente ignorados no plano científico. Estas investigações pioneiras foram realizadas, quer por ele próprio, quer pelos seus primeiros discípulos, Raquel Soeiro de Brito, Mariano Feio e Francisco Tenreiro.

A seguir a esta fase financeiramente difícil, condições melhores iam surgir de repente. Em 1959, o CEG-UL tinha obtido boas instalações na nova Cidade Universitária, mas será sobretudo a inesperada implantação em Portugal da *Fundação Calouste Gulbenkian*, em 1960, e a decisão dos seus dirigentes de privilegiarem o financiamento de inovadoras linhas de actividade, tanto artísticas como científicas, que irão permitir que, durante vários anos, o CEG-UL organizasse estágios no estrangeiro para jovens geógrafos adquirirem ali novas e eficazes técnicas de estudo, e que se multiplicassem publicações de qualidade, entre as quais a longamente sonhada revista *Finisterra*.

Por acaso, foi também a partir de 1960 que eu própria, jovem geógrafa francesa, comecei a descobrir e percorrer Portugal na companhia de Orlando Ribeiro e, tendo casado com ele em 1965, a colaborar regularmente nas actividades do CEG-UL. A formação recebida em Paris, no fim da guerra, foi-me dada pelos discípulos directos dos Mestres que Orlando Ribeiro tinha conhecido nas vésperas do conflito. Adquirimos, portanto, formações muito semelhantes, sendo apenas a minha enriquecida pelo brusco progresso técnico resultante da larga e livre difusão das fotografias aéreas americanas, a qual permitiu que, pela primeira vez, o Homem conseguisse uma visão geral detalhada do relevo e da ocupação humana do Globo, provocando assim um rapidíssimo progresso da sua Cartografia.

Mas, nesta altura, Orlando Ribeiro já tinha conseguido, por conta própria, *situar* Portugal no Mundo, graças às suas sucessivas viagens: ao longo do Atlântico e na África desde 1935, em Espanha e através do Mundo



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Mediterrâneo a partir de 1946, na América em 1952 e na Índia em 1956. Em 1973, divulgamos a nossa visão geral do Globo num manual de nível universitário, que tratava de *La Zone Intertropicale Humide*, esta vastíssima faixa, alternadamente oceânica e continental, regularmente iluminada e aquecida pelo Sol, e que divide o Globo em dois hemisférios de fisionomias tão diferentes

Depois desta larga introdução, consagrada aos anos de formação de Orlando Ribeiro e às suas primeiras e importantes realizações, tanto organizativas como científicas, convém colocar o delicado problema da *especificidade da sua orientação intelectual e profissional*. Terá sido Orlando Ribeiro um puro Geógrafo? Em que medida terá ele sido também um Historiador? um Etnólogo? ou, para usar uma palavra mais abrangente, um Humanista? O ensino de base que teve no liceu dava nítida primazia à História e à Literatura; mas não foi dali que, na realidade, ele recebeu os mais fortes impulsos intelectuais, mas de contactos ocasionais ou resultantes da sua procura pessoal junto de personalidades de formações muito diversas e que atraíam a sua curiosidade, como foi indicado acima. Considerando a vastíssima obra científica de Orlando Ribeiro (Ana Amaral e Ilídio Amaral, *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro*, 1984; Suzanne Daveau, *Segunda Parte (1981-1995)*, *Finisterra*, 61, 1996, p. 81-97), convém introduzir outras distinções. Nota-se primeiro que tanto lhe interessaram diversos *aspectos temáticos*, encarados nas vastas escalas do *Mundo português* ou da *Zona Intertropical*, como estudos de tipo *monográfico*, praticados em qualquer escala, desde a de uma aldeia (Castro Laboreiro), de uma vila (a Sertã), ou de uma cidade (Lisboa, Veneza ou Toledo), como a de uma região mais ou menos definida (Serra da Arrábida, Portugal Central) ou de uma ilha (Madeira, Fogo) ou, ainda, de vastíssimos territórios como o Brasil ou Angola. Mas de qualquer modo, o tema subjacente às numerosas tentativas de interpretação que Orlando Ribeiro aplicou a diversificados fragmentos da superfície terrestre, parece ter sido sempre semelhante: ele procurou entender as relações ligando o Homem à Terra na própria altura em que os estudou, ou seja, no que constituía então, para ele, o *Presente*. Com efeito, este momento fugaz, entre o *Passado* e o *Futuro*, é o único acessível à observação directa do investigador - é o que lhe permite observar e entender melhor as interligações entre Ambiente e Sociedade, sem que despreze, por isso, as marcas deixadas pelos tempos passados, mesmo que longínquas e meio apagadas.

Portanto, não me parece que se possa considerar Orlando Ribeiro como um verdadeiro Historiador, ou seja um investigador preocupado, antes de tudo, pela reconstrução dos tempos idos da Humanidade. Foi essencialmente o Mundo presente que quis descrever e entender, na sua instável fragilidade - mas sem deixar de tomar em conta o que conseguia conhecer dos tempos passados, que continuam responsáveis por parte das características e actividades humanas presentes, e que marcam ainda significativamente a paisagem de hoje. Orlando Ribeiro foi um Geógrafo ou, dito talvez melhor, um Humanista, que atribuiu sempre importância tanto aos aspectos históricos como aos naturais - ao *Tempo* e ao *Espaço* -, para melhor entender o significado da presença do *"Homem na Terra"*. A História, ciência da reconstituição do passado, foi para ele um útil instrumento e uma rica fonte de dados, como o foi a *Paisagem* (captada e arquivada através dos seus rápidos *croquis*, riscados nos Cadernos de campo, e das suas numerosas e bem escolhidas fotografias), e como o foram também as outras ciências vizinhas, a Geologia, a Pré-história ou a Etnologia.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

O tema histórico que mais o preocupou, ao longo de toda a sua carreira de investigador, foi, sem dúvida, o da *Formação de Portugal*. Já em Abril de 1939, foi este título que o então jovem Leitor de Português na Sorbonne escolheu para uma conferência proferida em Bruxelas, no Instituto de Cultura Portuguesa. Em 1955, o mesmo tema será largamente desenvolvido no capítulo III do volume sobre *Portugal*, publicado em castelhano, em Barcelona. Em 1968, o *Dicionário de História de Portugal*, organizado por Joel Serrão, incluía um copioso artigo seu, de 19 páginas, tratando deste tema, enquanto o autor ia preparando um livro com o mesmo título, que devia reunir os vários artigos anteriormente publicados. Mas será apenas em 1987 que o livro projectado veio a público, na Coleção Identidade, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Tendo-se esgotados os seus 3000 exemplares há já muito tempo, uma nova edição sai agora na Editorial Letra Livre, acompanhada de uma introdução de João Carlos Garcia.

Entretanto, Orlando Ribeiro ia continuando as leituras relativas a este tema e publicou, em 1977, na Imprensa Nacional, um *Estudo Crítico às Introduções Geográficas à História de Portugal*, que dedicou “Aos alunos de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que acompanharam, durante dois decénios, o meu ensino de Geografia Humana.” Discutia nele, com admiração ou com dura severidade, a obra de diversos historiadores, afirmando no prefácio: “Nunca me esqueci de que, se há mais de quarenta anos sou geógrafo, foi a vocação de historiador, haurida principalmente em Herculano, que me levou à Faculdade de Letras, onde encontrei alguns professores notáveis e outros péssimos, rareando os medianos.” Aparecem, neste livro, críticas incisivas às obras de três conhecidos historiadores - Oliveira Martins (1845-1894), Jaime Cortesão (1884-1980) e António Sérgio (1883-1969) - e afirma-se paradoxalmente, em conclusão, que o “longo confronto” a que se acabava assim de proceder, “saldava-se (...) por um fracasso (porque) o menos que se pode dizer (...) é que os autores sabiam muito pouco do que pretendiam tratar. Utilizam certas obras sem as citarem e desprezam grande parte da bibliografia geográfica já então existente. (...) Seja (-me) permitido exigir dos historiadores que dêem tanta atenção à Geografia como os geógrafos de boa formação tem concedido aos trabalhos deles.”

Entre os autores de quem Orlando Ribeiro celebrou ou discutiu assim duramente a obra, encontram-se tanto longínquos antecessores (Camões e Alexandre Herculano), como outros já mais próximos (Alberto Sampaio, Oliveira Martins, António Sérgio e Jaime Cortesão) ou alguns que foram directamente os seus mestres (Manuel de Oliveira Ramos e David Lopes) e, até, colegas da própria geração (Torquato Soares, Albert Silbert, Virgínia Rau e Magalhães Godinho). Estes numerosos textos encontram-se hoje de acesso fácil, por terem sido compilados em *Universidade, Ciência, Cidadania* (2013), em *Opúsculos Geográficos* (2ª edição, tomo I, 2014) e em *Mestres, Colegas, Discípulos* (2016-17).

O caso de Albert Silbert (1915-1996) parece-me de particular significado. Tendo sobrevivido à Segunda Guerra mundial, este historiador francês veio a Portugal para preparar uma “monografia metódica e exaustiva”: *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime*, publicada em 1966. Orlando Ribeiro dedicará um pequeno livro (*A Evolução Agrária no Portugal Mediterrâneo, segundo A. Silbert*) à análise desta obra, inaugurando assim uma nova colecção do CEG-UL, intitulada *Chorographia, Série Histórica*. Este



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

livrinho não é, com certeza, uma das suas obras mais conhecidas, nem atrai o leitor pela beleza do estilo, mas é o texto em que Orlando Ribeiro tentou mais directamente esclarecer as semelhanças e diferenças entre os pontos de vistas do Geógrafo e do Historiador.

Com efeito, o espaço estudado por Silbert coincidia em boa parte com o que ele próprio tinha escolhido, 30 anos antes, como tema de uma projectada tese francesa, ou seja, com as vastas planícies da Beira interior e do Norte alentejano, nas quais ocorre a dupla transição, entre o Norte e o Sul de Portugal, e entre os Mundos atlântico e mediterrâneo. Depois de minuciosa análise, Orlando Ribeiro chegou à conclusão (p. 226) que a “organização” deste vasto espaço resulta do seu modo rural de vivência, o qual “é pouco acessível à História e deve ser também considerado através dos métodos de observação e de inquérito directos, praticados por outras ciências, como a Geografia e a Etnologia”. Trata-se, portanto, de uma conclusão mitigada, que reconhece que as diversas especialidades científicas têm, cada uma, um eixo próprio, mas também largas margens, nas quais se cruzam pontos de vista diversos, capazes de se esclarecerem mutuamente.

De especial interesse me parece também considerar o caso da última obra de Orlando Ribeiro, *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*. Publicada em 1981 pela Imprensa Nacional, a primeira edição não teve nenhuma difusão significativa. Reeditada em 2014, o livro continua ainda hoje praticamente ignorado, mesmo por larga parte dos africanistas de alto nível. Ora, concebida e escrita numa altura em que longos períodos depressivos apenas deixavam ao autor curtos períodos de alívio, esta obra, de estrutura complexa, é talvez, no entanto, a que expressa melhor o seu modo de conceber um tema geográfico-histórico. A temporalidade que considerou é muito ampla e o material utilizado vai das múltiplas paisagens observadas durante as suas repetidas viagens, de 1935 a 1969, às conversas que teve com os habitantes casualmente encontrados, às suas próprias tradições familiares e às leituras acumuladas desde a juventude. Esta obra, como o historiador René Pélissier indicou em 1983, é sem dúvida “um pouco desconcertante”, sendo “um livro não *conformista* como há poucos entre os sábios”, mas é também um dos que permitem perceber melhor o modo de trabalhar de Orlando Ribeiro.

Outra maneira de caracterizar a sua obra é considerar o reflexo que ela teve na dos seus discípulos. Foi um Professor universitário apreciado por um vasto leque de estudantes de especialidades diversas, tanto pelo brilho das suas aulas como, talvez ainda mais, pelo que transmitia aos participantes durante as jornadas de trabalho no campo. E será ao considerar a obra de alguns dos seus discípulos, que se poderá talvez melhor entender a visão histórico-geográfica do Mundo que lhes transmitiu, uma visão que partilhou também comigo, a partir dos anos 60, quando me levou a descobrir metodicamente Portugal.

Verifica-se que os seus primeiros discípulos escolheram, quase todos, uma pequena ilha como tema de tese de doutoramento, seguindo assim o modelo que lhes tinha dado, tratando em 1945 da Madeira e, em 1955, do Fogo. Foi o caso de Raquel Soeiro de Brito em 1951, com São Miguel, de Francisco Tenreiro em 1961, com São Tomé, de Ilídio do Amaral em 1964, com Santiago. Será ainda o caso de Carlos Alberto Medeiros, que consagrou à pequena ilha açoriana do Corvo o seu primeiro trabalho de investigação. Mas, alguns anos mais tarde, ele ia dedicar a tese de doutoramento, a um tema, ainda pouco habitual, de Geografia



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

histórica, referente a uma vasta região africana interior: *A Colonização das Terras Altas da Huíla (Angola)*. Segundo o historiador René Pélissier (*Le Sud-Angola dans l'Histoire*, 2017, p. 388), trata-se da obra magistral de um geógrafo que, “andando de cabeça fria e olhos abertos”, soube assim escrever “magníficas páginas de Geografia política, económica e social”.

Outros discípulos de Orlando Ribeiro optaram por adoptar uma tendência então dominante: especializar-se cedo num dos ramos da Geografia, tal a Geomorfologia, a Climatologia, a Organização do Espaço, a Geografia histórica ou económica. Foi, por exemplo, o caso de Jorge Gaspar que, depois de ter publicado, em 1970, um excelente artigo de Geografia histórica sobre “Os portos fluviais do Tejo”, dedicou a tese de doutoramento a um “sistema de funções e lugares centrais”: *A Área de Influência de Évora* (1972), e tornou-se o orientador de largo grupo de discípulos.

Tendo-se Orlando Ribeiro jubilado em Fevereiro de 1981, os geógrafos da geração seguinte deixaram de ser oficialmente os seus alunos, mas sem impedir que vários deles partilhassem ainda o seu convívio. Em 1986, o CEG-UL publicou, no segundo (e último) volume da colecção *Chorographia, Série Historica*, um denso estudo sobre *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, por João Carlos Garcia. Dez anos mais tarde, este doutorava-se com o estudo aprofundado de *A Navegação no Baixo Guadiana durante o Ciclo do Minério (1857-1917)*, que trata tanto das condições físicas da navegabilidade do rio como das circunstâncias económicas e políticas que, durante alguns decénios, provocaram uma animada navegação no seu troço vestibular.

Em 1986, Júlia Galego realizou, em colaboração comigo, uma *Memória do C.E.G.* intitulada *O Numeramento de 1517-1532. Tratamento Cartográfico*, ou seja, um estudo consagrado ao primeiro recenseamento geral, hoje conservado, da população portuguesa. Em 1987, era Maria Fernanda Alegria, então responsável do Laboratório de Geomorfologia do CEG-UL, que dedicava a tese de doutoramento a um tema, à primeira vista puramente histórico: *A Organização dos Transportes em Portugal (1850-1910). As Vias e o Tráfego*, publicado em 1990 como *Memória do C.E.G.* Mostrava como a organização regional do relevo e da rede de rios navegáveis, atravessando Portugal, influenciaram o traçado das vias férreas e como este foi, depois, um elemento de fixação que travou fortemente a livre evolução do espaço nacional.

As reedições recentes de muitas obras dispersas de Orlando Ribeiro, que me foi possível realizar, de 2013 a 2017, com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian, permitem oferecer aos interessados um acesso fácil aos seus numerosos artigos dispersos e, em particular, aos que resultam do interesse que ele dedicou sempre à presença do Homem na Terra e à marca, mais ou menos densa e persistente, que imprimiu nela.

**Bibliografia activa:** *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, Coimbra Editora, 1945; 9ª edição, Letra Livre, 2011; edições italianas, Mursia, 1972 e 1976; *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*, CEG, 1961; 3ª edição, Livros Horizonte, 1992; *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Junta de Investigações do Ultramar, 1962; *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Fundação Gulbenkian, 1968; 4ª edição, 2018; “A Formação de Portugal”, *Dicionário de História de Portugal*, vol. III. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968; reedit.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987; *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico*, Lisboa, INCM, 1977; 3ª edição, Letra Livre, 2018; *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*, Imprensa Nacional, 1981; 2ª edição, 2014; *Iniciação em Geografia Humana*, Lisboa, João Sá da Costa, 1986; *Geografia de Portugal* (em col. com H. Lautensach e S. Daveau), 4 volumes, Lisboa, João Sá da Costa, 1987; 6ª edição parcial, 2004; *Opúsculos Geográficos*, 6 volumes, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989-95; 2ª edição, em 3 volumes, 2014; *Memórias de um Geógrafo*, Lisboa, João Sá da Costa, 2003; *Universidade, Ciência, Cidadania*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013; *Mestres, Colegas, Discípulos*, 2 volumes, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016-17.

**Bibliografia passiva:** Amaral, Ana e Ilídio, *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1984; Daveau, Suzanne, *Segunda Parte (1981-1995)*, *Finisterra*, 61, 1996, p. 81-97; Amaral, Ilídio, *Sobre as relações entre a Geografia e a História. Reflexões de um Geógrafo*, 2007, III Encontro Internacional sobre História de Angola, 2007; Alegria, Maria Fernanda; Daveau, Suzanne; Garcia, João Carlos, *Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro, Encontros epistolares (1931-1941)*, Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional, 2011; *Orlando Ribeiro (1911-1997), Ponto de partida, Lugar de encontro*, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011; Daveau, Suzanne, « Orlando Ribeiro (1911-1997) », *Geographers Bibliographical Studies*, 31, Bloomsbury, 2012; Pélissier, René, *Le Sud-Angola dans l'Histoire. Un guide de lectures internationales*, Editions Pélissier, Orgeval, 2017.

Site « Orlando Ribeiro », IGOT-UL : <http://www.orlando-ribeiro.info/>

Suzanne Daveau